

CAPÍTULO 2

A EUDAIMONIA ARISTOTÉLICA E SEUS FUNDAMENTOS PEDAGÓGICOS

Rizia Ferrelli Loures Loyola Franco
Eduardo Augusto Tomanik

RESUMO

O presente estudo trata sobre o conceito de *eudaimonia* proposto por Aristóteles na obra *Ética a Nicômaco*. O objetivo é investigar a *eudaimonia* e suas possibilidades de interpretação nos fundamentos da Educação, a partir da revisão bibliográfica na Educação e na Psicologia Social dos Afetos. Identificou-se que o conceito de *eudaimonia* está relacionado às virtudes intelectuais e morais, no termo mediania, nos processos psicossociais afetivos, na medida adequada à situação e aos envolvidos e à intensidade de objetivacões. As contribuições da Educação aristotélica contribuem para a formação de professores em práticas de artísticas, de cidadania e calcadas nos Direitos Humanos contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; felicidade; pedagogias cidadãs; virtudes.

INTRODUÇÃO

Entre os pensadores clássicos, Aristóteles (384-322 a. C.), nasceu em Estagira, no antigo reino da Macedônia, que hoje pertence à Grécia. O filósofo estudou na Academia de Platão e, dedicou-se, a seu modo, à carreira de professor nessa instituição (Cambi, 1999). Por seu nascimento fora de Atenas, Aristóteles não era considerado um cidadão, mas um *metöke* (agregado), sem direitos políticos, mas que teve instrução por ser filho do médico legista da Macedônia (Höffe, 2008).

O pensador assumiu a grande responsabilidade de educar Alexandre III (356-323 a. C.), conhecido como Alexandre Magno, filho do imperador Felipe II da Macedônia. Em 334, fundou o Liceu, escola para formação científica e filosófica e passou a escrever suas obras mais complexas até à *Ética a Nicômaco* (Cambi, 1999). Tanto seu pai quanto seu filho se chamavam Nicômaco, nome que leva a sua obra *Ética a Nicômaco* (Aranha; Martins, 1999). As práticas pedagógicas de Aristóteles, ao seguir propostas de Platão, almejavam formar a alma e a práticas civis dos indivíduos na cidade (Cambi, 1999). Contudo, com a morte de Alexandre III em 232 a. C., o filósofo deixa Atenas e morre em 322 a. C. aos 62 anos de alguma doença ainda desconhecida (Höffe, 2008).

A partir dessa obra, *Ética à Nicômaco*, o objetivo do artigo é investigar a *eudaimonia* e suas possibilidades de interpretação nos fundamentos da Educação, a partir da revisão bibliográfica na Educação e na Psicologia Social dos Afetos. Portanto, a partir desses apontamentos, procuramos questionar as interpretações do termo *eudaimonia*, as contribuições das virtudes intelectuais, morais e afetos para os fundamentos da Educação aristotélica e possíveis contribuições para a formação de professores em práticas de cidadania e calcadas nos Direitos Humanos contemporâneos.

Dito isso, o filósofo não acredita em características nascidas com os indivíduos. Pelo contrário, ao analisar as virtudes humanas, ele enfatiza a prática e a educação como basilares para o desenvolvimento, conforme o treino individual e não como algo natural do indivíduo. Em pesquisas anteriores (Eduardo, 2017; Siquieroli, 2019; Funari, 2006), os autores direcionam a moral como orientada pela Educação para a felicidade. Nessa perspectiva, a função pedagógica das virtudes são mediadas pela Educação na formação do indivíduo e a escola grega como espelho de reflexão e desenvolvimento da coerência entre as práticas e pensamentos (Funari, 2006).

Nesse artigo, ao seguir as propostas de Heller (2004) e Tomanik (2023), consideramos as paixões como afetos bons ou maus. Para facilitar a nossa compreensão, Aristóteles (1991) utiliza como exemplo a cólera: a posição do indivíduo seria má se sentir a cólera de modo intenso e boa se a sentir moderadamente. Isso traz à tona que o indivíduo não é condenado pelas suas paixões, mas por seus vícios ou virtudes que requerem escolhas.

Etimologicamente, *eudaimon* é alguém que teve um bom *daimon*, um bom destino, com sucesso, inseparável da vida material. Nessa direção, *eudaimonia* significa “[...] o sucesso daquele que vive e age bem” (Castanheira, 2005, p. 100). A teoria de Aristóteles também conhecida como eudemonismo, possui esse termo originário do grego *eudaimonéon* que significa ter êxito ou ser feliz (Aranha; Martins, 2000). Além de uma atividade humana, principalmente ligada à razão, a *eudaimonia* é um viver “[...] de determinada maneira” (Lawrence, 2009, p. 56). Ou seja, um modo amplo de se viver e (com)viver socialmente.

Os estudos na contemporaneidade sobre a felicidade ou o bem-estar subjetivo são objetos de estudo da Psicologia Social (Vianna, 2005). As pesquisas que abordam esse tema elaboram uma construção psicossocial e histórica desse afeto ao retomar as discussões desde os clássicos gregos. Nesse sentido, a Psicologia Social dos Afetos, debruça-se, como o nome sugere, pelos afetos. A Psicologia Social dos Afetos (Tomanik, 2023) considera os indivíduos em um processo contínuo de (auto)construção seguindo os pressupostos teóricos de Agnes Heller (2004): sentir significa que acarreta algo, produzindo efeitos nas experiências psicossociais.

Para Aristóteles, a prática social recorrente da virtude conduziria os indivíduos ao bem. A palavra virtude oriunda do latim *vir* que nomeia o homem ou o varão. *Virtus* significa poder, potência ou ainda a “possibilidade de

passar ao ato". Desse modo, a virilidade está ligada ao poder ou força (Aranha; Martins, 1999, p. 278). Cabe destacar que, em seu contexto pedagógico, as mulheres e os escravizados não eram cidadãos e não tinham direito à Educação, ou seja, essa educação aristotélica era privilegiada a alguns homens que desenvolveriam virtudes.

Estas virtudes fazem parte da totalidade e potencialidade do indivíduo, mas didaticamente, são categorizadas em virtude intelectual e virtude moral para possibilitar uma possível compreensão e identificação na ampliação do repertório de suas objetivações. Nas palavras de Aristóteles (1991), seguidas por Siquieroli (2019) essas virtudes intelectuais levam tempo seguindo competências racionais e a disposição para ações e sentimentos contextualizados.

Dentro da Psicologia Social, as virtudes intelectuais necessitam de ampliação do repertório de representações sociais nas relações intersubjetivas. Nesse viés, a virtude moral está relacionada à formação de hábitos do indivíduo em suas práticas cotidianas, ou seja, da composição das representações sociais mais arraigadas do indivíduo (Franco, 2022).

Uma abordagem aristotélica (1991) para a compreensão da *eudaimonia*, dessas virtudes e o bem viver, na tentativa de desentrelaçar essa complexidade humana, distingue a alma em três elementos, a saber: as paixões, as faculdades e as disposições de caráter. As "paixões" categorizam os afetos que acompanham prazer ou dor, como cólera, medo, inveja, ódio, desejo, apetites, mas também alegria, amizade, compaixão. Por sua vez, as "faculdades" seriam o que sentimos e o nosso refletir sobre esse afeto. Por outro lado, as "disposições de caráter" delimitariam a posição do indivíduo conforme os afetos e deliberar sobre o que é bom e agir com respeito aos bens humanos.

Reunir essas faculdades, a vida contemplativa (intelectual) e, ao mesmo tempo, desenvolvendo as virtudes dianoéticas (pela via da razão) eram suas propostas para uma Educação (Cambi, 1999). Sobre as disposições de caráter, seguimos Bortolato e Tomanik (2023), descrevendo a moral como envolvendo nosso posicionamento individual dentre as possibilidades de existência, como mandamentos psicossociais que procuramos obedecer.

Essa pedagogia aristotélica era voltada para homens livres (nobres), os quais necessitam da vida em ócio para o desenvolver das virtudes e da sabedoria no controle das atividades corporais e dos apetites. Posteriormente, esses indivíduos instrução por 7 anos nas escolas do Estado com as disciplinas de gramática, ginástica, música, desenho e, para depois, filosofar e se tornarem sábios (Cambi, 1999). Funari (2006), acrescenta a essa perspectiva que o ócio fazia com que os homens deixavam a família para as mulheres e que tinham liberdade para refletir.

Ainda sobre a busca da felicidade, o filósofo nos questiona que para muitos pode se desenvolver no prazer dos gozos, mas de modo fugaz. Outra possibilidade seria procurá-la na materialidade, como no acúmulo de riquezas, talvez na fartura da mesa. Além disso, uma alternativa apresentada

seria no prestígio ao estabelecer distinções sociais pelas honras concebidas, como títulos políticos ou acadêmicos. Uns acreditam que a felicidade seria a saúde na doença (Aristóteles, 1991).

Para o estagirita (1991), esses elementos ainda não são a finalidade da vida plena. O autor nos oferece algumas pistas de indivíduos que seriam privilegiados de felicidade. Existem algumas facilidades para se encontrar a felicidade como pelas possibilidades favoráveis de nascimento e valores estéticos dentro do que é considerado **belo** na sociedade (Ferraz; Tavares; Zilberman, 2007).

As artes envolvem regras que orientam realizações puramente humanas. Diante disso, fala-se em arte política e arte poética. Aristóteles, na obra *Poética* (1991), a primeira teoria da arte que temos notícia com posicionamentos sobre a origem da poesia, do teatro e do mito. Para o autor, a ideia concebida pelo artista, orientada por seu conhecimento, dá forma à matéria. Essa matéria transformada gera um novo objeto, denominado de obra. Portanto, política também pode ser denominada de arte política, como uma realização humana (Chauí, 2002).

Foram os gregos os primeiros a se preocuparem com o princípio da representação, trazido pelo naturalismo, em que a obra era fruto da habilidade do artista e caracterizado pela busca da perfeição. A arte era a mimese que significa na origem da palavra imitação (Guerra; Martins; Picosque, 1998). Essas produções artísticas levavam em conta a pureza, o equilíbrio nas formas a fim de representar a mansidão dos deuses.

Para Aristóteles, a mimese estava relacionava a reprodução seletiva (Bosi, 1995). Ao investigar sobre a mimese, destacamos que, por mais que a humanidade quisesse o sublime, o papel da arte era de assemelhar-se ao objeto, coisa ou ideia a ser exaltado. Veremos que para os gregos, o conceito de Belo, além da aparência, estava atrelado a moral, a intelectualidade e a espiritualidade. A forma estética, o Belo é um atributo a algumas coisas em estado de pureza “[...] como sons e cores agradáveis, das figuras geométricas regulares, das formas abstratas, como a simetria e as proporções definidas, a qualidade, enfim de toda espécie de relação harmoniosa” (Nunes, 2003, p. 18).

A estética moral e intelectual ou espiritual “[...] é a excelência e o grau de perfeição” desejado na conduta, almejado tanto nas coisas como nos indivíduos. “Por isso é que a Beleza, exteriorizando essa perfeição que o homem tende a alcançar, como ser racional que é, constitui fonte de prazer para os sentidos e para a inteligência, índice da vida feliz e alvo de louvores” (Nunes, 2003, p.19).

Ao longo da cultura grega, a beleza moral era digna de imitação na arte. O feio, desagradável aos sentidos e a vida, ocupação da comédia para Aristóteles, era ocupado pelo que era moralmente repudiado, “é que o Belo, na arte, não coincide com a beleza exterior dos objetos representados, mas sim com a maneira de apresentar as coisas ou ações, natureza ou o homem” (Nunes, 2003, p. 29).

Ainda, para a cultura grega, o Belo se manifestava na estética, na moral com o exercício do bem, das potencialidades humanas e na espiritualidade ao ser racional e manifestar a inteligência tanto no próprio homem quanto em suas realizações. O homem Belo age, pensa, sente de modo a buscar a perfeição, por isso suas realizações também agrada o olhar, o ouvir, o sentir, o viver. Os feitos dos indivíduos e suas relações intersubjetivas, também demonstram a grandiosidade do ser humano.

Desse modo, a beleza ou o sentido de belo está também na admiração de bons atos. Todavia, nem todos podem encontrá-la. Em outras palavras, o reconhecimento público da prática do indivíduo pode ser considerado como uma boa obra (Aristóteles, 1991). Inferimos que essas práticas virtuosas na mediania possuem ainda uma beleza especial:

[...] as pessoas que têm um caráter excelente sentem prazer na realização pública de belos feitos porque tais atos exibem certo tipo de proporcionalidade, assim como as belas obras de certos artesãos são tão harmoniosas que nada mais pode ser acrescentado ou retirado. Assim, a beleza da atividade virtuosa está ligada à mediania da virtude (Kraut, 2009, p. 15).

Ao estudar a mediania, Hursthouse (2008, p. 95), esclarece que esse termo foi utilizado antes de Aristóteles. Em *Política* de Platão, o excesso e a deficiência se relacionam com “a arte da medida”, da “justa medida” ou a “atitudes moderadas”: “[...] embora alguns tradutores interpretem como ‘avaliar’- em vez de ‘medir’ e ‘justa medida’ de várias maneiras, possuem a mesma raiz”. Como afirma González Rey “[...] Não há sentido universal, pois todo sentido subjetivo tem a marca da história de seu protagonista” (2004, p. 138). Portanto, a partir dessas definições, a mediania parece não ser algo estático ou simples de ser traduzido e interpretado. Corriqueiramente, a tradução não direciona para uma compreensão fidedigna pela falta de expressões ou de um termo diretamente correspondente.

[...] em muitas ações utilizamos como instrumentos os amigos, a riqueza e o poder político; e há coisas cuja ausência empana a felicidade, como a nobreza de nascimento, uma boa descendência, a beleza. Com efeito, o homem de muito feia aparência, ou mal - nascido, ou solitário e sem filhos, não tem muitas probabilidades de ser feliz, e talvez tivesse menos ainda se seus filhos ou amigos fossem visceralmente maus e se a morte lhe houve roubado bons filhos ou bons amigos (Aristóteles, 1991, p. 18).

Como citado acima, a felicidade seria ampliada, ou ao menos favorecida, de geração para geração com heranças, beleza, filhos e amizade. Para a teoria aristotélica (1991), A amizade, pode estar associada aos afetos

entre os indivíduos com características semelhantes e seus vínculos e as reações que produzem, refere-se aos indivíduos com ideias e interesses em comum, envolve práticas e treino, o que proporciona a confiança, reciprocidade e amor.

Para o estudo da amizade, outra proposta para a interpretação de *eudaimonia* foi dividi-la em duas categorias. Uma ação em um “nível básico ou cotidiano”, composta pelas ações individuais dos indivíduos. Referente à ordem individual afetiva, a felicidade pode ter relação com o bem e bem-estar. Quanto às relações interpessoais também com a amizade, por exemplo (Vianna, 2005, p. 131). Nesse aspecto, a amizade proposta por Aristóteles refere-se aos indivíduos com ideias e interesses em comum, o que proporciona a camaradagem (Aranha; Martins, 1999, p. 194-195).

Em um segundo nível, chamado de “arquitetônico”, remetem as ações com um objetivo no pensamento político. Esse último nível, valoriza a articulação das “[...] melhores combinações para a vida na sociedade humana” (Broadie, 2008, p. 322). Para Aristóteles, a virtude moral conduz tanto o homem à felicidade quanto à política ao oferecer uma organização da cidade. O indivíduo é um ser político, que alcança a felicidade na *polis* ao compartilhar com os cidadãos suas melhores virtudes (Malinoski; Silva, 2006).

Nesse mesmo sentido das pesquisas anteriores, *eudaimonia* expressa uma “vida boa” ou “bem agir”. Entretanto, a mesma palavra possui outras traduções como bem-estar, prazer, sucesso, prosperidade, florescer, crescer vigorosamente no que se refere ao enriquecimento material e na saúde (Castanheira, 2005, p. 100). Em sentido semelhante, remete a pergunta “qual a melhor forma de existir” (Sewaybricker, 2012). Diante dessas pesquisas, *eudaimonia* expressa um “bem agir”, um modo de viver e se relacionar consigo e com os outros.

Desse modo, se a felicidade é o bem que mais procuramos, o “mais desejável”, também absoluto, autossuficiente e a finalidade de toda a ação humana (Aristóteles, p. 8, 1991). Isso nos faz pensar que esse afeto, mesmo que pouco conhecido ou definido, seria o que os indivíduos buscam em suas famílias e nas gerações precedentes, mesmo ao querer, a princípio, outros afetos ou bens na vida social (Aristóteles, 1991; Vianna, 2005; Höffe, 2008, p. 192). Cabe lembrar que a melhor forma de existir depende de quais indivíduos apresentamos, seus grupos sociais, as suas relações intersubjetivas, os valores em determinado contexto socio histórico cultura e pode se associar ao uso da racionalidade:

[...] todas as atividades humanas aspiram a algum bem, dentre os quais o maior é a felicidade. Para Aristóteles, a felicidade não se encontra nos prazeres nem na riqueza, mas na atividade racional. Admitindo que o pensar é a principal característica humana, conclui que a felicidade consiste na atividade da alma segundo a razão (Aranha; Martins, 2000, p. 124).

A ideia de felicidade pode ser interpretada como uma boa vida com boas ações para nossos estudos sobre fundamentos da Educação e Psicologia Social dos Afetos com as virtudes intelectuais (uso da racionalidade) e as virtudes morais (ligadas à conduta individual). A felicidade estaria vinculada a toda uma vida que propicie o bem aos outros contemporâneos, sobretudo por reflexões, práticas, conduta nas relações subjetivas e nas objetivações respectivas. Entretanto, pelo proposto do estudo a medida moderada também pode ser guiada pelos afetos, ou pelos afetos que influenciam as virtudes.

Concordamos com Heller (2004) ao abordar que os pensamentos, práticas e sentimentos são indissociáveis. Ao refletir sobre um determinado assunto, o indivíduo também está implicado nele quanto ao processo cognitivo e, ao mesmo tempo, envolvido afetivo. Nessa perspectiva de afetos, vícios e virtudes morais, observe o **Quadro 1** das virtudes aristotélicas contemporâneas. Do lado esquerdo da tabela de quem lê, consta a descrição do afeto-prática-faculdades mentais; depois, apresentamos o vício pela escassez de afeto; posteriormente, a virtude, a mediania entre os afetos, e do lado direito de quem lê, o vício por excesso:

Quadro 1: Virtudes aristotélicas contemporâneas

DESCRIÇÃO	VÍCIO POR FALTA	VIRTUDE	VÍCIO POR EXCESSO
Afetos ao prazer e dor corporal	Insensível	Temperança	Intemperança
Reação à riqueza	Avareza	Liberalidade	Prodigalidade (repartir em demasia)
Afeto quanto à honra	Humildade	Orgulho	Vaidade
Afeto quanto a agradar os outros	Grosseiro	Amizade	Obsequioso (agrada em demasia)
Afeto quanto à vergonha	Acanhado	Modesto	Despudorado
Afeto quanto a boa ou não fortuna do próximo	Inveja	Justa indignação	Despeito

Prontidão a ação e aos afetos dos outros	Covarde	Coragem	Temério
--	---------	----------------	---------

Fonte: a autora com base em Aristóteles (1991)

Após a realização do **Quadro 1**, além das capacidades cognitivas racionais, concordamos com Heller (2004) e Tomanik (2023) ao afirmarem que os afetos são passíveis de modificações na conduta, nas intenções das práticas, ainda, podem incluir elaborações individuais, significações sociais, saberes e experiências, o repertório de processos afetivos anteriores e o contexto sócio-histórico-cultural. A felicidade, como um afeto, não se expressa corporalmente ou por práticas e objetivações de fácil compreensão (Heller, 2004; Tomanik, 2023).

Na interpretação do quadro acima, essas virtudes, sendo uma “espécie de mediania”, propõem um “meio termo entre dois vícios”: o vício do excesso, de ser ardente no agir, e o vício da carência ou falta do afeto. Entretanto, alguns afetos e ações não consente um meio termo como o despeito, a inveja, o assassinato, já que são males em si Tanto o medo como a confiança, o prazer e a dor, podem ser sentidos em excesso ou em grau insuficiente; e, num caso como no outro, isso é um mal para o indivíduo e para a sociedade. Mas, senti-los na ocasião apropriada, com referência aos objetos apropriados, para com os indivíduos apropriados, pelo motivo e da maneira conveniente, nisso consistem o meio termo e a excelência característicos da virtude (Aristóteles, 1991, p. 38).

Algumas virtudes humanas são essenciais para o exercício da arte da política e não somente o direito à cidadania (Aranha; Martins, 1999). Aristóteles evidencia que, ao retomamos os estudos sobre a Grécia Antiga, a falta da honra pela “não cidadania” parece encaixar com essa proposta de sentir a falta de algo que não se possui. Esse afeto, quando se está privado de algo ou procurado na falta do que ainda não se tenha, parece mais próximo da cultura ocidental.

Isso faz com que a virtude da prudência ou a sabedoria prática mereçam destaque. O prudente é o indivíduo capaz de julgar e avaliar qual entre as diversas atitudes a se tomar, seja a mais adequada e boa para si e para os demais (Chauí, 2012, p. 166). Em vista disso, segundo Aristóteles (1991, p.30) “[...] pelos atos que praticamos em nossas relações com os homens nos tornamos justos ou injustos; pelo que fazemos em presença do perigo e pelo hábito do medo ou da ousadia, nos tornamos valentes ou covardes”. Cabe em nossas relações considerar o que é mais apropriado em cada situação (Aristóteles, 1991).

Essas virtudes compreendem hábitos louváveis e com excelência nas relações que propiciariam o alicerce para uma vida plena individual e intersubjetiva. Desejar uma existência mais digna incentiva a humanidade a se (re)inventar e procurar novas e/ou adaptadas formas de (con)viver consigo e em comunidade. Nesse aspecto contrário ao inatismo, Aristóteles para

Graziano (2005), reconhecia a busca por uma vida melhor como o objetivo máximo da humanidade por meio das virtudes em sintonia com a sociedade.

As virtudes ligam-se às aptidões que o indivíduo tem com a capacidade e ao exercer o máximo dessas qualidades e potencialidades, ou seja, o autodomínio de objetivar o seu melhor, sem ser escravo de seus desejos e paixões, promover benefícios para si e nas relações intersubjetivas na medida moderada de afetos, práticas e que, ao longo da formação humana de modo que que o indivíduo não possa perdê-los.

Outros ainda mencionam a felicidade ligada a um bem maior que propicie a bondade na sociedade (Aristóteles, 1991) e acrescentamos, beleza de boas práticas. Nesse sentido, parece que o indivíduo que desenvolve ao longo de sua formação a temperança, liberalidade (facilmente oferece a sua riqueza do que recebe), orgulho, amizade (relações recíprocas sem calúnia), modesto (equilibrado quanto à vergonha), com justa indignação (aflição quanto à fortuna do outro moderadamente) e coragem (desfruta do que é bom). Essas virtudes morais são as mais propensas a disposições de caráter com escolhas medianias, alcançar boas relações intersubjetivas pelo equilíbrio entre afetos, racionalidade e objetivações para o bem comum e justiça.

Diante desses aspectos, a felicidade reside no buscar o “que existe de melhor em nós” (Aristóteles, 1991, p. 233). Sendo que não temos padrões ou regras a seguir, deixadas por Aristóteles (Sewaybricker, 2012). De modo individual, cada sujeito possui ou tem a possibilidade de buscar um meio termo de como é afetado pelo seu afeto. Ainda, como esse afeto modificará o seu convívio social, quando escolhe o que é para quem demonstrá-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desses apontamentos, procuramos questionar as interpretações do termo *eudaimonia*, as contribuições das virtudes intelectuais, morais e afetos para os fundamentos da Educação aristotélica e possíveis contribuições para a formação de professores em práticas de cidadania e calcadas nos Direitos Humanos contemporâneos.

Um dos problemas de tradução envolve a falta de correspondência de termos de uma civilização para outra acarretada da diferença e distância desse determinado contexto sócio-históricas e cultural. Compreendemos que a *eudaimonia*, a felicidade ou bem viver, a partir da obra *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, estaria vinculada a toda uma vida que propicie o bem aos outros contemporâneos, sobretudo pela ação, atitudes ou conduta entre os pares. Relacionada à escolha de um estilo de vida que propicie harmonia não somente para si, mas em sintonia com a sociedade e da boa convivência. Entretanto, o pensar, o agir e o sentir possibilitam que esse afeto, a felicidade, emergindo em escolhas constantes e equilibradas ao longo de toda a vida.

No sentido das virtudes para o desenvolvimento biopsicossocial histórico de toda a humanidade, buscou-se estudar o que seria ou poderíamos encontrar como as interpretações do termo *eudaimonia*. A

felicidade e suas virtudes para Aristóteles e como poderíamos, a partir dos ideais desenvolvidos pelo filósofo, contribuir para a formação dos professores e das crianças em um desenvolvimento biopsicossocial histórico para uma vida digna na contemporaneidade em prática artísticas e cidadãs e alicerçado nos Direitos Humanos para o pleno desenvolvimento da humanidade.

O termo mediania compreende um equilíbrio entre os pensamentos, práticas sociais e afetos no relacionamento em sociedade, ou seja, um meio termo entre vícios e virtudes. As virtudes no quesito intelectual, pode corresponder a uma sabedoria prática e filosófica por meio da aprendizagem ao suportar com dignidade as contingências da vida. Para a formação política interpretamos como a formação de cidadão bons com boas práticas. Cabe aos professores(as) e pesquisadores(as), em uma tarefa complexa, descobrirem e tentarem oferecer ao próximo, na escola e na comunidade, todas as nossas potencialidades e afetos na medida certa, para a situação correta e para o indivíduo adequado.

Essa busca pela felicidade pode ser a mola propulsora para a espécie humana pelo desejo de uma vida melhor desde a Antiguidade Clássica. Aristóteles sustenta as virtudes como uma das tarefas mais importantes e complexas para o homem que busca a harmonia na sociedade ao ser um bom cidadão e oferecer o que ele tem de melhor ao próximo e a sociedade a qual pertence. Atualizamos suas práticas para toda humanidade. O termo mediania compreende um equilíbrio entre os pensamentos, práticas e afetos no relacionamento em sociedade para uma conduta moral virtuosa. Cabe aos professores(as) e pesquisadores(as), em uma tarefa complexa, descobrirem e tentarem oferecer ao próximo, na escola e na comunidade, todas as nossas potencialidades e afetos na medida certa, para a situação correta e para o indivíduo adequado.

O indivíduo com temperança, liberalidade, orgulho, amizade, modesto, com justa indignação e coragem são os mais propensos a conseguirem alcançar uma vida cidadã. Diante disso, a partir da valorização das virtudes intelectuais e morais e a excelência nas práticas verifica-se a valorização dos afetos na obra *Ética a Nicômaco*. Portanto, pelos escritos aristotélicos, muito do que somos e porque somos, além da razão, está relacionado aos nossos afetos, o que fazemos com eles e como os manifestamos.

Por mais que seja enfatizado à razão, observa-se que o sucesso para uma boa vida depende dos afetos que permeiam as experiências psicossociais. Nesse aspecto, Aristóteles começa a discorrer sobre a possibilidade de que a felicidade poderia se relacionar a algo superior do que os bens que conhecemos ou procuramos, ou seja, a um bem supremo. Os extremos, tanto nos afetos quanto nas relações intersubjetivas, não constroem o caminho para a felicidade. A construção de uma vida feliz requer esforço, a prática laboriosa em ser moderado, bom senso. objetivar equilibradamente os afetos apresentados nas relações intersubjetivas, com o

intuito da bondade. Em função disso, pode-se inferir que a vida feliz requer atos deliberativos por meio de nossas virtudes.

Portanto, pelos escritos aristotélicos, muito do que somos e porque somos, além da razão, está relacionado às nossas paixões, ou como preferimos chamar, aos nossos afetos e como lidamos, expressamos por eles na formação de professores e com as crianças em desenvolvimento. Por mais que o contexto oferece ênfase à razão, observa-se que o sucesso depende dos afetos que permeiam as relações sociais.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. DE A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: introdução à filosofia. Editora Moderna: São Paulo: 1999.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. de Leonel Vallandro. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Coleção Os pensadores, v. 2.

ARISTÓTELES. Poética. In.: ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. de Leonel Vallandro. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Coleção Os pensadores, v. 2.

BOSI, A. **Reflexões sobre a Arte**. São Paulo: Ática, 2003.

BROADIE, S. **Ethics with Aristotle**. Oxford: Oxford University Press, 1991.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CASTANHEIRA, N. M. P. A eudaimonia no Livro I da *Ética a Nicômaco*. **Philosophica**, Lisboa, Portugal, v. 26, p. 99-127, 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/xXBsGw>>. Acesso em: 19 jun., 2019.

CHAUÍ, M. S. **Convite à filosofia**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2012.

EDUARDO, A. T. R. **Educação e felicidade: a relação entre ética e política na formação humana**. 2017. 77f. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a obtenção do título de Mestre. - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

FRANCO, Rizia Ferrelli Loures Loyola. **Representações sociais sobre as feminilidades na série *Coisa mais Linda***: entre estereótipos e resistências. 189 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: (Geiva Carolina Calsa). Maringá, 2022.

FUNARI, P. P. **Grécia e Roma**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kbWch-9LAr0>. Acesso em: 29 out. 2025.

GONZÁLEZ REY, F. O sujeito, a subjetividade e o outro na dialética complexa do desenvolvimento humano. In: SIMÃO, L. M.; MITJÁNS, M. A. **O outro no**

desenvolvimento humano: diálogos para a pesquisa e a prática profissional em psicologia. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

GRAZIANO, L. **A felicidade revisada:** um estudo sobre o bem-estar subjetivo na visão da Psicologia Positiva. 2005. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento Humano, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, São Paulo, 2005.

HELLER, A. **Teoría de los sentimientos.** Coyoacán, 2004.

HÖFFE, Orfried. **Aristóteles.** Trad. Roberto Hofmeister Pich. Porto Alegre: Artmed, 2008.

HURSTHOUSE, R. **Sobre a ética da virtude.** Oxford: Oxford University Press, 1999.

KRAUT, R. **Aristóteles** - A Ética a Nicômaco: Explorando Grandes Obras, 2009.

LAWRENCE, G. *The Function of the Function Argument.* **Ancient Philosophy.** 21, p. 445-475, 2001.

MALINOSKI, J.; SILVA, S. Felicidade: o bem supremo, no Livro I da obra: Ética a Nicômaco de Aristóteles. In: *Anais do II Seminário Nacional de Filosofia e Educação: Confluências.* Santa Maria: FACOS-UFSM, 2006.

MARTINS, M. C. F. D.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. **Didática do ensino de arte:** a língua do mundo: poetizar, fruir, e conhecer a arte. São Paulo: FTD, 1998.

NUNES, B. **Introdução à filosofia da Arte.** São Paulo: Ática, 1999.

SCHULZ, H. E. **A definição da felicidade:** Ética a Nicômaco ou o conceito da Eudaimonia, 2012. Projeto: Humanização como ferramenta de aumento de interesse nas exatas. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://goo.gl/DQGDr2>>. Acesso em: 18 jun. 2025.

SEWAYBRICKER, Luciano Espósito. **A felicidade na sociedade contemporânea:** contraste entre diferentes perspectivas filosóficas e a Modernidade líquida. 2012. 162f. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, São Paulo, 2012.

SIQUIEROLI, R. R. V. **Revista Primordium**, v.3 n.5 jan./jul., 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/primordium>. Acesso em: 10 jan. 2026.

TOMANIK, Eduardo Augusto. Um pouco sobre os afetos. In.: TOMANIK, Eduardo Augusto (org.) **O afeto que não se encerra:** contribuições teóricas, metodológicas, éticas e políticas sobre os processos afetivos. Curitiba: CRV, 2023. p.17-38.

TOMANIK, E. A.; BORTOLATO, B. C. de S. “eu não pretendia ter feito o que fiz”: os afetos na construção das opções morais contemporâneas. *In.*: TOMANIK, Eduardo Augusto (org.) **O afeto que não se encerra**: contribuições teóricas, metodológicas, éticas e políticas sobre os processos afetivos. Curitiba: CRV, 2023. p. 95-114.

VIANNA, Fátima Rocha Luiz. **A representação da felicidade no pensamento ocidental**. 2005. 187f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Rio de Janeiro, 2005.